

C. J. REDWINE

DESAFIO

TRADUÇÃO
IVAR PANAZZOLO JÚNIOR



CAPÍTULO 1

RACHEL

O peso da piedade que eles sentem parece ser uma pedra amarrada ao redor do meu pescoço. Sinto isso quando me observam brevemente pelo canto do olho, a pele enrugada entre as sobrancelhas franzidas, os sussurros apressados que ecoam pelo céu roxo e acinzentado do crepúsculo como pequenas adagas que arrancam sangue das suas vítimas.

Ele não vai voltar para casa.

É difícil ignorar os poucos cidadãos que ainda estão perto do portão que leva às Terras Ermas, os guardas postados ao lado da entrada e o corpanzil forte e resoluto de Oliver a meu lado, mas eu preciso fazer isso. Não me atrevo a deixar que qualquer sombra de dúvida tome conta de mim.

Olhando para além do perímetro de cinquenta metros de terras calcinadas que mantemos ao redor da Muralha, examino a floresta em busca de algum movimento. As Terras Ermas são um emaranhado de árvores, trepadeiras e escombros de cidades que já não existem mais. Está tudo coberto pelo verde brilhante e escorregadio do início da primavera e os aglomerados de pinheiros e freixos prateados que não nos deixam esquecer de nossa própria fragilidade. Em algum lugar nas profundezas daquela floresta, bandidos rebeldes procuram objetos que possam vender nas cidades-estado. Em algum lugar abaixo dela, o Maldito vagueia, buscando devorar o pouco que resta de uma civilização que outrora já foi grande.

Não me importo com nada disso. Tudo o que quero é que meu pai volte para casa a tempo.

— Garota Rachel — diz Oliver, com a pele negra de seus dedos salpicados de farinha envolvendo gentilmente o meu braço, como se estivesse me preparando para aquilo que de fato quer dizer.

— Ele vai chegar.

— Eu não creio que...

— Ele *vai*. — Cravo as unhas em minhas palmas e me esforço para tentar ver algum movimento na escuridão que cresce cada vez mais, como se eu pudesse trazê-lo para casa utilizando apenas minha força de vontade.

Oliver aperta meu braço, mas não diz nada. Sei que ele acha que meu pai está morto. Todo mundo está pensando a mesma coisa. Todo mundo, menos eu. A ideia de que sou a única com essa convicção faz com que um espasmo de dor corra pelo meu corpo, e, subitamente, eu preciso que Oliver entenda.

Preciso que ele concorde.

— Ele não é somente um mensageiro, você sabe. — Olho para os ombros largos de Oliver, que criam uma sombra grande no chão, e sinto saudade dos dias em que eu era pequena o bastante para subir nas costas dele, sentir o ribombar de sua voz em minha pele enquanto íamos até o portão encontrar meu pai após outra viagem completada com sucesso. — Ele também é um rastreador. O melhor homem do Comandante. É impossível que tenha sido pego de surpresa nas Terras Ermas.

A voz de Oliver continua firme quando ele diz:

— Ele é bom no que faz, garota Rachel. Mas alguma coisa deve ter... Alguma coisa provavelmente o atrasou. Ele não vai voltar para casa a tempo.

Dou as costas para ele, tentando enxergar o ponto onde o perímetro termina e as Terras Ermas começam, mas o sol não é nada além de uma miragem flamejante abaixo da linha das copas das árvores agora, e as sombras já começaram a tomar conta de tudo.

— Último chamado! — grita um dos guardas, flexionando os ombros sob o azul-escuro de seu uniforme enquanto estende a mão para tocar o puxador de ferro a seu lado, e começa a cerrar o portão. Estremeço com um gemido quando ele bate e se fecha com um estrondo de metal contra metal. Os guardas colocam correntes grossas e reluzentes ao redor

dos portões, trancando-os até que os guardas do turno da manhã cheguem com a chave para abri-los novamente.

Por um momento nós ficamos ali observando o portão, que agora está fechado. Em seguida, Oliver passa um braço ao redor de mim e diz:

— É hora de irmos.

As lágrimas ardem em meus olhos e eu aperto os dentes com tanta força que eles rangem uns contra os outros. Não vou chorar. Não agora. Mais tarde, depois que meu pai for oficialmente declarado morto e meu Protetorado for transferido para Oliver, vou me permitir sentir a dor de ser a única pessoa que está disposta a acreditar que Jared Adams, o melhor rastreador de Baalboden, ainda está vivo.

Uso o caixote de madeira para subir na carroça que nos aguarda e estendendo a mão para ajudar Oliver a subir logo em seguida.

Conforme a carroça avança aos trancos e solavancos sobre os blocos de pedra-ferro que calçam as ruas que levam até o quartel do Comandante, enrolo os punhos fechados ao redor de meu manto e tento ignorar o ardor que sinto na barriga a cada vez que as rodas giram. Oliver estende a mão e tira a borda do manto de meu punho. Sua palma envolve a minha por completo, com a pele morna e o aroma de xarope de plátano e uvas-passas dos pães doces que ele assa. Encosto-me nele, pressionando o rosto contra o linho áspero de sua túnica.

— Lamento — diz ele.

Por um momento, sinto vontade de me enterrar ali. Receber o conforto que Oliver oferece e fingir que ele é capaz de fazer com que eu me sinta melhor. Em vez disso, eu me sento com a coluna ereta, do jeito que meu pai me ensinou.

— Ele não voltou hoje, mas isso não significa que nunca mais vai voltar para casa. Se existe alguém que sabe sobreviver nas Terras Ermas, esse alguém é o meu pai. — Minha voz fica estrangulada por uma onda repentina de agonia, um medo sombrio e secreto de que minha fé nas habilidades de meu pai não será justificada, e que acabarei ficando sozinha. — Não é justo que o declarem morto.

— Provavelmente serei eu quem deve lhe dizer que a vida não é justa, mas imagino que você já saiba disso. — Sua voz é firme, mas seus olhos

estão entristecidos. — Por isso, vou lhe dizer que a esperança é uma coisa preciosa, e que você tem razão em não desistir de acreditar.

Olho nos olhos dele, desafiando-o a me contar uma mentira, a dizer que ainda acredita. — Mesmo quando parece que todos já desistiram?

— Especialmente quando parece que todos já desistiram. — Ele dá tapinhas carinhosos em minha mão enquanto a carroça para com um rangido, balançando mesmo depois que as rodas já pararam de se mover.

O condutor vem até a traseira da carroça e abre a portinhola de lona com um puxão. Desço da carroça e observo ansiosamente enquanto Oliver me acompanha. Embora haja apenas algumas rugas suaves lhe marcando a fronte escura, seu cabelo é mais cinzento do que negro, e ele se move com a precisão cuidadosa da idade. Estendendo a mão na direção dele, enlaço meu braço ao redor do dele enquanto ele desce do caixote pesado que usa como degrau. Juntos, nos viramos para encarar o quartel.

Assim como a muralha que cerca a cidade de Baalboden, o quartel é uma parede enorme de pedras cinzentas castigadas pelo tempo e reforçadas por tiras de aço. Janelas escuras foram recortadas no exterior maciço como olhos eternamente abertos e que nunca piscam, e o teto sustenta várias torres de vigília com guardas, cuja única tarefa é retalhar quaisquer invasores antes que eles cheguem a vinte passos de distância.

Não que qualquer cidadão de Baalboden seja estúpido o bastante para desafiar o homem que nos governa com uma ferocidade cujo único equivalente é aquilo que nos aguarda nas Terras Ermas.

Antes que o guarda que vigia o portão com espigões de aço possa abri-lo, outra carroça se aproxima ruidosamente e para atrás da nossa. Olho por cima do ombro e sinto um calor queimar meu rosto quando Logan McEntire vem em nossa direção. O sol poente tinge seus cabelos loiros de dourado.

Espero que a palidez de minha pele não traia meus sentimentos, e tento fingir que não o vi. Já passei tanto tempo, hoje, esperando que meu pai enfim voltasse das Terras Ermas que nem me dei conta que a leitura de seu testamento naturalmente incluiria a presença de seu aprendiz.

Não há problema nisso. Desde que eu não tenha de falar com ele.

— Oliver. Rachel — diz Logan quando chega a nosso lado. Sua voz tem a mesma calma, o eterno tom de *aposto-que-consigo-encontrar-um-algoritmo-para-consertar-isso*, e eu sinto um desejo súbito de provocá-lo para arrumar uma briga.

Exceto pelo fato de que isso daria a impressão de que eu me importo com o fato de ele estar aqui.

E isso *não é verdade*.

Sua presença não vai mudar nada. Meu Protetorado será dado a Oliver, Logan assumirá os deveres de mensageiro que eram do meu pai, e eu continuarei contando os dias até que ele volte para casa, quando a vida poderá voltar ao normal.

Oliver dá um tapinha amistoso nas costas de Logan.

— Que bom que veio — diz ele. Como se Logan tivesse escolha. Como se qualquer um de nós tivesse escolha.

— Parece que tudo aconteceu rápido demais — diz Logan em voz baixa enquanto o guarda abre o portão e faz um sinal para entrarmos. — Jared é forte. Deveríamos dar a ele mais do que os sessenta dias depois da data em que deveria retornar antes de sermos forçados a declará-lo morto.

Olho para Logan, surpresa, e encontro seus olhos azuis fitando os meus, e a convicção feroz neles é exatamente igual àquela que queima dentro de mim. Meus lábios se curvam em um pequeno sorriso antes que eu me lembre de que não vou agir como se me importasse com ele.

Já me importei com Logan McEntire o suficiente para preencher uma vida inteira.

Desvio os olhos e entro no quartel sem qualquer outra palavra.

Oliver e Logan seguem em meus calcanhares. Um dos empregados, vestido de preto, nos conduz até uma sala quadrada e pede licença em voz baixa, saindo e fechando a porta por trás de si.

Cadeiras de madeira com espaldar reto cercam uma mesa longa e encerada, e seis tochas repousam em archotes de ferro enegrecido contra paredes pintadas de branco. O ar daquela sala cheira a fumaça e parece que não é renovado há um bom tempo, mas não sei se o sentimento de sufocação em minha garganta vem da falta de oxigênio ou do fato de o

governante de Baalboden, Comandante Jason Chase, estar nos observando na cabeceira da mesa.

A luz das tochas reflete nos galões dourados trançados sobre seu casaco militar engomado, passando pelas dobras da cicatriz que corta caminho de sua têmpora esquerda até sua boca, e morre na escuridão implacável de seus olhos.

— Sentem-se — diz ele.

Obedecemos. Nossas cadeiras se arrastam contra o chão de pedra, um rangido estridente que indica o desconforto. Há dois homens sentados perto da cadeira do Comandante, um de cada lado. Um deles examina, com dedos nervosos, uma pilha de pergaminhos que está à sua frente. O outro exhibe uma expressão concentrada, segurando uma pena sobre um tinteiro e uma folha de pergaminho em branco desfraldada sobre a mesa.

O Comandante examina cada um de nós individualmente antes de sentar-se em sua cadeira, mantendo a coluna ereta enquanto observa. Sem ao menos dar uma olhada para os dois homens que o ladeiam, ele diz:

— Oliver James Reece, Logan McEntire e Rachel Elizabeth Adams, vocês foram convocados para tratar de assuntos relativos à morte de Jared Nathaniel Adams.

Inclino-me para a frente com um movimento brusco ao ouvir aquelas palavras, passando na frente de Oliver para olhar nos olhos do Comandante, mas Logan agarra meu braço e me puxa para trás.

— Shhhh — diz ele, contra meu ouvido.

Puxo meu braço da mão dele e engulo o protesto que implora para ser vociferado. Não estamos aqui porque meu pai está morto. Estamos aqui porque o Comandante não nos dará mais tempo para provar que ele está vivo. A raiva borbulha sob minha pele.

O Comandante prossegue.

— Como ele não retornou da missão de mensageiro em que foi enviado a Carrington, invoquei o período de sessenta dias de tolerância até que ele voltasse. Esses sessenta dias terminaram hoje.

O homem gordo escreve furiosamente em seu pergaminho, sem derrear uma única gota de tinta pelo bico da pena. Quero falar. Fazer com que ele registre meu protesto. Qualquer coisa poderia ter dado errado nas

Terras Ermas. Meu pai pode ter adoecido. Ou pode ter sido sequestrado por bandidos. Afastado do caminho de volta pelo Maldito. Nenhum desses eventos é necessariamente fatal. Precisamos apenas lhe dar mais tempo. Meu corpo vibra, a tensão se acumulando dentro de mim até ter de forçar minha boca a continuar fechada para não interrompê-lo.

— Assim, pelo direito de governante e guardião das leis em Baalboden, eu agora declaro que Jared Nathaniel Adams está morto.

O homem pequeno de dedos nervosos organiza a pilha de papéis que está à sua frente, pigarreia e começa a ler o testamento de meu pai. Deixo que as palavras passem por mim, desejando apenas que ele ande logo com isso para podermos ir embora. Mas, quando ele subitamente fica em silêncio e franze a sobrancelha, começo a prestar atenção.

— Algum problema? — pergunta o Comandante, num tom de voz que deixa claro que é melhor não haver nenhum.

— Isso está... ah... só um pouco irregular. Bem, bastante irregular. — Os dedos do homem agarram o pergaminho, apertando suas bordas até que elas começam a se esfacular.

— Continue — ordena o Comandante.

Sinto um nó apertado se formar no fundo de meu estômago.

— Em relação à questão do Protetorado da minha filha, Rachel Elizabeth Adams, eu indico que seu Protetor... — Outro pigarro. Uma olhada rápida em minha direção.

Não, não em minha direção. Na direção de *Logan*.

Agarro a borda da mesa com dedos úmidos e sinto meu mundo desabar quando o homem diz:

— Eu indico que seu Protetor, até o dia em que ela seja legalmente Tomada, deve ser meu aprendiz, Logan McEntire.